

## INGRATIDÃO II

Um pobre moço, triste e cansado,  
Órfão de mãe, de escassa proteção.  
Ele exclama ser um pobre desprezado.  
Senhor, diz ele, eu quero a sua mão.

O moço bate à porta do senhor.  
Interpelando, ouviste minha voz?  
Senhor responde, suave com amor,  
Sou teu amigo, jamais o teu algoz.

Naquela casa, o moço foi morar.  
Era tratado com amor e ternura.  
Então, passou a vida a dedicar  
À profissão, que outrora ele sonhara.

Com isso, os dias foram se passando.  
O moço fraco mais forte foi ficando.  
O senhor forte, mais fraco foi ficando.  
Quem dá o que tem mais fraco foi tornando.

Passado tempo, o moço despediu,  
Assim, dizendo que ia mais voltava.  
Habilitado de lá ele saiu.  
A sua volta, o velho esperava.

Passaram os anos e o moço não voltou.  
A sua roupa não quis, ele, buscar.  
De pobre a rico sua vida transformou.  
Do pobre velho, não quis mais se lembrar.

Um dia, o velho, do moço precisou.  
Uma pousada ao moço suplicou.  
Responde o moço, sozinho eu estou.  
Fazer faxina, ao velho ordenou.

Decepção, o velho, lá, passou.  
De maltrapilho, o velho lhe tratou.  
E com tristeza, o velho, de lá, saiu.  
Quem faz o mal espera a maldição.

Fazer o bem é a lei do Senhor.  
O pagamento é cheque ao portador.  
Sofrer na cruz igual a Cristo Senhor.  
Depois das trevas, vira o esplendor.

**Galdino da Silva**

**Bairro Mil Alqueires, Lucélia, 13 de agosto de 1968.**